

2º grau também é ruim

Um terço dos 750 mil professores das escolas estaduais do Brasil não tem o 2º grau completo. Esse dado, fornecido pelo Ministério da Educação, é apontado por Shigueo Watanabe, presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, como a principal causa da má formação dos alunos.

“Com o salário que os Estados pagam, a rede pública não vê outra saída senão contratar o leigo”, diz Watanabe. A admissão desse profissional inabilitado é amparada pelo Conselho Federal de Educação, que aceita pessoas sem o 1º grau completo no exercício do magistério de 1º grau e o de pessoas sem o secundário completo no de 2º grau.

Possuir diploma de habilitação, entretanto, pode não significar eficiência no trabalho de ensinar crianças. A Fundação Carlos Chagas — que avaliou o desempenho dos alunos de 1º grau — também pesquisou para

saber a quantas anda o ensino de 2º grau.

Nessa pesquisa, o pior desempenho foi o de alunos do curso de magistério — que prepara professores para lecionar da pré-escola à 4ª série. Os estudantes das escolas técnicas pú-



Mônica Maia/AE

Elisa: união dos pais

blicas, que tiraram as notas mais altas, alcançaram a média de 4,8 em matemática e de 5,7 em português. Os alunos do magistério não foram além das médias de 2,5 e 5,1 nas duas disciplinas.

Para tentar reerguer o nível das escolas públicas, um grupo de mães que moram no Alto da Lapa, em São Paulo, fundou uma associação que já assume caráter estadual. O Movimento Pró-Educação — entidade que nasceu em abril deste ano e tem 2.000 associados — sonha em ver crianças numa escola do mesmo nível da escola pública em que suas fundadoras estudaram há mais de 20 anos.

Elisa Toneto de Carvalho, presidente da entidade, já passou por seis cidades do Interior levando a mensagem de que só a união dos pais poderá fazer renascer a escola pública disputada até por famílias mais ricas — que hoje pagam caro para manter os filhos na rede privada.